

# ACÇÃO MISSIONÁRIA

Não lamentará ninguém, supomos nós, que se discute a actividade da Acção Católica e da Acção Missionária. Da discussão costuma nascer luz; e a luz costuma andar acompanhada de calor; e nós precisamos tanto deste, para degelar a apatia apostólica, (apóstolos devem ser todos os cristãos...) do nosso bom público português!

Cremos que não há perigo de a dis-

cussão volver em chocarrice, dado o respeito que temos pelo carácter uns dos outros.

Pôr os pontos nos is não foi nunca ter menos consideração pela letra e pela palavra dos outros. Eu, por mim, pediria ao meu prezado e illustre amigo Dr. Abel Varzim que me venha pôr nos meus quantos pontos quiser.

Prêguei sempre o dever missionário a todos os católicos de Portugal; é claro, sem recomendar aos desta ou daquela freguesia, aos daquele ou daquele outro Seminário, aos de determinada diocese ou de qualquer secção da Acção Católica, que tivessem a bondade de tapar os ouvidos, porque aquillo não era com eles; primeiro porque vi, no Evangelho, Cristo a dirigir-se a todos os discipulos, dizendo: — «Ide, evangelizai todas as gentes!», depois o Vigário de Cristo dirigir-se a todas as Secções da Comunidade Católica a convidar Bispos, padres, seminaristas, católicos militantes, a darem a sua quota parte de actividade na obra de colaboração missionária, dever colectivo.

Tive mesmo uma certa vergonha... patriótica de ver Pio XII vir repetir aos portugueses o que Pio XI disse-ra a todos os católicos e tive receio, patriótico também, de que, apesar disso, Portugal ficasse para trás — como até aqui tem ficado (o Portugal dos últimos dois séculos) — na obra da evangelização do mundo. É a vergonha e o receio que me tem feito continuar a clamar.

Entretanto, não enfiei nunca pelo púlpito dentro de qualquer paróquia, senão convidado primeiro pelo respectivo pároco; nunca fui prêgar a uma diocese — mesmo o dever missionário — sem primeiro pedir licença ao Prelado; nem fui nunca mo-

bilizar para a cruzada qualquer grupo que fôsse da Acção Católica.

Mas deixar de prêgar a todos, ainda com o risco (bem aventurado risco, diria Pio XI, o Papa da «*Rerum Novarum*» e Pio XII, o da carta aos portugueses) de ver o Espírito de Deus segredar a um pároco, a um seminarista diocesano, a um fervoroso militante da *Acção Católica* o convite de deixar tudo e ir para as Missões. Deixar de prêgar a todos era mutilar ou deixar mutilar a convicção vigorosa da fé. Lá estavam os superiores dos convidados pelo Espírito, para pesarem o «*espírito a ver se era de Deus*» e para procederem depois em consciência e sem outros cálculos.

(Continua na 6.ª página)

Se os missionários devessem ficar calados enquanto a *Acção Católica* oficial tratava dos quadros, se não pudéssemos ir propagando, por toda a parte onde há crentes portugueses, o ideal missionário, nem o pouco que já temos para salvar as nossas Missões de vergonhas, na concorrência com as outras nações cristãs, estaria de pé; a própria boa vontade e generosidade oficial nada teriam tido que amparar. Seríamos como o caçador que deixasse morrer à fome os seus filhinhos, num campo de caça, porque lhe diziam que deixasse construir primeiro as gaiolas para meter as perdizes.

Para o pouco já conseguido organizamos nós ligas, como Bento XV as preconizou na encíclica «*Maximum Illud*» e não cremos que seja nisso que esteja a indisciplina, pois que a autoridade pontifícia lhes aprovou os estatutos e tivemos o cuidado de que as aprovassem também os Prelados das Dioceses onde as podemos estabelecer. Não supomos, sequer, que a *Acção Católica* as veja com maus olhos, porque os dirigentes da *Acção Católica* não repelem as associações livres, nem pensam, decerto, que a

A nossa *Acção Missionária* não será nunca um embaraço da *Acção Católica*; apesar de ser fervorosa e veemente, nunca a deixaremos ser indisciplinada. Falará alto, como todos os amores, que algo têm sempre de apaixonado, mas em quem a paixão será racional e serena, por pouco que lhe agrade ser muda, por lhe parecer que o Amor que a acende não é daqueles de que se possa ter vergonha.

O que me deixou varado de estupefacção foi ver o meu bom amigo e disciplinador achar afrontosas as frases por elle citadas, em que acentuávamos, eu e os meus colegas missionários, o dever, em que são solidários os crentes portugueses, de acudir com urgência aos indígenas das nossas Colónias, ainda tão largamente ao abandono, e aos quais ainda temos a acudir, para o abandono não ser mais flagrante, tantos missionários estrangeiros; sem falar daquêles indígenas que se encontram sob a influencia de missionários protestantes (estes quasi na totalidade estrangeiros), por-

que me não chegou a tempo a assistência de missionários católicos.

Quem acusa a *Acção Católica* desta negligência missionária dos portugueses crentes? O que acusamos é a nossa negligência colectiva, da qual a nossa própria preguiça também se sente responsável, e mais o sentiria, se se calasse e não clamasse que o povo católico da *Quarta Potência Colonial do mundo* tem obrigação de arcar com os sacrificios de Potência missionária. Não pode, sem condenar tudo a esterilidade, dizer que deixa a salvação ao cuidado do Governo e ao sacrificio dos contribuintes, pagãos ou crentes.

Não fazemos senão mostrar amor e respeito à *Acção Católica*, quando denunciamos o derrotismo, não prêgado por ela, mas semeado a pretexto dela — afrontoso pretexto! — pelos que acham que se deixem em paz os pretos, enquanto também houver pagãos entre os brancos da Metrópole. Lamentar o recrutamento de talentos e de recursos para o «*Apostolado eminente*» das Missões, crer que dar fruto o Apostolado metropolitano é diminuir a sua força de conquista na Metrópole, é ser inimigo do Apostolado metropolitano, é pensar que, na vida cristã como na da natureza, se diminui quem dá.

Esta *acção* dos que desdenhavam das Missões em nome da *Acção Católica* foi o que eu chamei um dia *desastrada acção católica*; e nada pode haver mais desastrado — expliquei ainda aos que do adjectivo affectavam escândalo — do que, em nome da *Acção Católica*, combater a suprema exigência do Catholicismo, a expansão da fé pelo ardor da caridade.

Denunciar aquêles, de que nos falam; Cristo, que «quando vos matarem fulgarão prestar serviço a Deus», denunciar os que são violentos a pretexto da religião e de Deus, nunca foi dizer mal de Deus.

O bom amigo Padre Abel Varzim sabe bem quanto eu amo a *Acção Católica* e designadamente a *LOC*. Deve até ser essa a razão de se declarar grato a quem nuaca pessoalmente o beneficiou. Fois dê-me-me, em nome deste amor, pedir que não afrontem a *Acção Católica* os que, a pretexto dela, querem ser apagadores do zelo transbordante, uitamarino e...